



Universidade Federal Fluminense



**“VALEI-ME, MEU *PADIM CIÇO*”: A RELIGIÃO COMO SISTEMA CULTURAL NA
CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE/CE.**

ANDRESSA RODRIGUES

**NITERÓI
2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

ANDRESSA RODRIGUES

**“VALEI-ME, MEU *PADIM CIÇO*”: A RELIGIÃO COMO SISTEMA CULTURAL NA
CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE/CE.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense,
como requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Wallace de Deus Barbosa.

**NITERÓI
2013**

RODRIGUES, Andressa Nobre. “Valei-me, meu *padim ciço*”: A religião como sistema cultural na cidade de Juazeiro do Norte/CE. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

Orientador : Wallace de Deus

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE.

1.Padre Cícero 2. Sistema Cultural 3.Religião 4.Juazeiro do Norte 5. Romarias

ANDRESSA RODRIGUES

**“VALEI-ME, MEU *PADIM CIÇO*”: A RELIGIÃO COMO SISTEMA CULTURAL NA
CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE/CE.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal
Fluminense, como requisito para obtenção do Grau
de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa – Orientador – UFF

Prof. Dr. Leonardo Caravana Guelman – UFF

Prof. Mc. Luiz Mendonça - UFF

Niterói
2013

DEDICATÓRIA

Esta monografia é dedicada ao meu avô Antônio Ferreira Nobre, para sempre minha principal referência e símbolo da cultura sertaneja.

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão aos meus pais, Geraldo Fernandes Rodrigues e Terezinha Nobre Rodrigues por todo apoio e incentivo durante a minha trajetória acadêmica. E a Stephen Andrew Elliot pela confiança, dedicação e apoio ao longo desta jornada.

RESUMO

O presente trabalho analisa a religião como “sistema cultural”, conceito desenvolvido por Clifford Geertz (1989), utilizando a cidade de Juazeiro do Norte, localizada no Vale do Cariri, no sul do Ceará, como estudo de caso.

A cidade foi escolhida devido a sua forte ligação em torno do nome de Padre Cícero - historicamente considerado o principal atrativo e benfeitor de Juazeiro do Norte. A partir de um milagre no qual o padre fora protagonista, no século XIX, temos o início do culto em torno da santidade do mesmo e o surgimento das romarias existentes até hoje.

A discussão principal do trabalho visa analisar primeiramente quem foi este personagem da história local, para, em seguida, compreender como os devotos de Padre Cícero mantêm vivo até hoje, o culto à santidade do sacerdote denotando a importância da religiosidade popular na cultura local.

Palavras Chaves: Padre Cícero, Sistema Cultural, Religião, Juazeiro do Norte, Romarias.

SUMÁRIO

Lista de figuras.....	9
Introdução	10
I - Padre Cícero: Trajetória de vida.....	13
1.1 – A Juazeiro de Padre Cícero.....	15
1.1.1 - A morte do padrinho.....	18
II - O catolicismo popular no sertão nordestino	22
2.1 – A categoria de santidade em Padre Cícero	26
2.1.1 – As romarias de Padre Cícero	30
III – O “sistema cultural” em Juazeiro	33
3.1 - Os símbolos da fé	33
3.1.1 - Os bens simbólicos de <i>Padim Ciço</i>	38
Conclusão.....	43
Bibliografia.....	45

LISTA DE FIGURAS

Figura nº:1: Serra do Horto, monumento ao Padre Cícero.....	20
Figura nº 2: Romeiros do Padre Cícero em caminhão pau-de-arara	30
Figuras nº 3 e 4: Altares em lares de Juazeiro do Norte/CE	36
Figura nº 5: Igreja dos Franciscanos localizada em Juazeiro do Norte/CE em época da romaria de Finados. Paus-de-arara, ônibus e carros chegam trazendo fiéis	37
Figura nº 6: Objetos talhados em madeira pelos artesãos do Centro de Cultura Popular Mestre Noza	39
Figura nº 7: Rua próxima a Igreja dos Franciscanos, os comerciantes lotam as ruas em torno do espaço sagrado vendendo todo o tipo de bem simbólico	41

INTRODUÇÃO:

Ao falar sobre a história da cidade de Juazeiro do Norte, não há como não se deparar em algum momento com a participação do padre Cícero Romão Batista – historicamente considerado o maior benfeitor e principal atrativo na construção de Juazeiro. A partir de um milagre realizado em 1889 na qual o Padre Cícero fora protagonista¹, a cidade ganhou ares de “sagrada” e o “milagre” percorreu o sertão nordestino, dando origem às peregrinações religiosas que acontecem até hoje em Juazeiro, mais conhecidas como “romarias”. Apesar de o “milagre” ter originado esta devoção popular em torno da imagem de Padre Cícero, explicada mais adiante em nosso trabalho, a ação deste padre estendeu-se para além do espaço da fé, alcançando também a política, ao participar de movimentos em defesa de Juazeiro e tornar-se prefeito da cidade, assegurando assim, o seu papel na história local.

Com o objetivo de compreender a complexidade da figura de Padre Cícero e o seu papel cultural na história da cidade, foram utilizados como referência ao longo deste trabalho, a obra de pesquisadores na área, a saber: Ralph Della Cava (1976), pesquisador americano que durante os anos 60 viajou ao Brasil para aprofundar-se na história de vida do padre dando origem à obra referencial “Milagre em Joazeiro”.

Luitgarde O. C. Barros (1988), antropóloga alagoana que dedicou seus estudos à compreensão do universo social e cultural do sertão nordestino. Também utilizei muito da tese de doutorado de Antônio M. C. Braga (2007) onde analisa quem foi Padre Cícero e os caminhos que levaram a sua liderança religiosa e por último, como referência na antropologia, recorri aos trabalhos de Clifford Geertz (1989), principalmente seu estudo sobre a religião como um “sistema cultural”, sob o qual este trabalho está respaldado.

Também fora realizada uma pesquisa de campo em novembro de 2011 à cidade de Juazeiro do Norte durante a “Romaria de Finados”. A imersão no local trouxe um olhar familiar ao que poderia ser exótico em um primeiro momento. Não seria possível falar desta

¹ “No dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela de Joazeiro para assistir a missa e acompanhar os rituais que se celebravam, todas as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia de festa da Ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer diariamente.” (Della Cava, 1976, p. 40).

cidade e de sua relação com seu benfeitor sem a imersão no seu mundo. Lá, pude constatar como a memória do padre está presente em todos os lugares na cultura local. Desde as manifestações religiosas, até o comércio, Padre Cícero é agora um símbolo que contribui para o desenvolvimento econômico e cultural da cidade.

Despir-se das indagações e questionamentos sobre a veracidade ou não do milagre e apenas seguir o caminhar de toda aquela multidão de fiéis na “Romaria de Finados” trouxe uma amostra da fé e da dimensão simbólica do Padre Cícero na cidade, em pleno século XXI. As referências desta devoção popular encontram-se nos artigos religiosos aqui considerados como “bens simbólicos” como as estátuas de Padre Cícero, escapulários e velas, além da variedade de produção de impressos (orações, novenas, livros, folhetos e cordéis) vendidos por centenas de ambulantes nas ruas de Juazeiro e consumidos por este grupo identificado como romeiros que vêm a Juazeiro todos os anos de pau-de-arara ou ônibus, arranjando-se em ranchos. Tudo para visitar a cidade do *Padim Ciço*.

Com o intuito de destrinchar a importância de Padre Cícero na cultura e religiosidade local, este trabalho dividiu-se em três capítulos para melhor análise do tema proposto: no capítulo primeiro, é feita uma retrospectiva da trajetória de vida do Padre Cícero, destacando os momentos cruciais de sua infância, passando pela sua opção pelo sacerdócio, sua decisão em ser padre em Juazeiro, o “milagre”, sua participação política e, por fim, falar de sua morte. O objetivo é poder, através desta retrospectiva de vida, compreender a transformação do sacerdote Cícero Romão Batista em líder político e religioso.

O segundo capítulo concerne à discussão sobre as origens do catolicismo popular, destacando a importância da ação pastoral do Padre Ibiapina, um elemento cultural que contribuiu para a difusão dos valores cristãos entre os devotos nordestinos, posteriormente apropriados e aperfeiçoados pelo Padre Cícero. A partir da prática do catolicismo popular sertanejo, pretendo demonstrar como esta foi a responsável pela construção de santidade do padre e do espaço sagrado em Juazeiro mantido até hoje pelas romarias.

Por último, no terceiro capítulo, trabalharei a ideia de Clifford Geertz (1989), que dedicou uma parte dos seus estudos a entender a partir da perspectiva religiosa, a religião como um “sistema cultural”. Nesta etapa, pretendo identificar e compreender como os

elementos religiosos relacionados ao Padre Cícero são inseridos na cultural local tornando-o a maior referência da região do Cariri cearense.

Ao final deste estudo, pretendo justificar como a religião desempenha um papel cultural importante na sociedade, projetando Juazeiro como um centro de religiosidade popular no país.

CAPÍTULO 1 – PADRE CÍCERO: TRAJETÓRIA DE VIDA

Segundo Barros (1988), nas décadas que antecederam a vida de Cícero, as grandes secas atingiam todo o interior do Nordeste causando um êxodo rural de grandes proporções. Associado ainda a doenças como a varíola e a cólera nas grandes secas de 1791 e 1793² destruiu-se cerca de um terço da população. No entanto, em uma região tomada pela tragédia, o Vale do Cariri se apresentava por uma região atípica, devido as suas condições naturais de fertilidade. A distância do litoral caracterizou o interior do Nordeste por um local distante das relações culturais que se instalaram no resto do país constituído por pequenos povoamentos ao longo das margens dos rios, em sua maioria de antigas fazendas de gado. A estrutura social da região na época baseava-se basicamente em um padre, um fazendeiro, um comerciante, além dos boiadeiros e as camadas sociais mais pobres que em sua grande maioria criavam bodes que utilizavam para fabricar chapéu, açoite, rabicho e artigos de couro em geral³. No entanto, nos núcleos de povoado já existentes, consta segundo Barros (1988), a importância da ideologia da Igreja Católica dentro das elites intelectuais do sertão, “o padre da freguesia era o elemento mais importante nessa sociedade, pregando uma ideologia ordenadora ao mesmo tempo das relações com o sobrenatural e das relações sociais na terra, a partir da codificação da mensagem católica (...). É uma ideologia mantenedora das formas de relações sociais existentes”.⁴ Para a imensa maioria pertencente às camadas populares, porém, o universo do catolicismo popular já se caracterizava no cotidiano do sertanejo. “As classes inferiores tinham apenas contatos marginais com a Igreja oficial, limitados a vida de regra, às festas dos dias santificados e aos feriados importantes, quando então se realizavam procissões solenes e comemorações sociais nos centros urbanos. Rara era a participação nas liturgias sacramentais; até mesmo o batismo e o matrimônio eram negligenciados, em virtude de serem

² Dados fornecidos por Barros, 1988, p. 56.

³ Barros, 1988 p. 57.

⁴ *Ibid.*, p. 58.

pouco frequentes as visitas dos escassos sacerdotes às zonas rurais ou então, porque os honorários clericais estavam acima do alcance dos pobres.” (DELLA CAVA, 1976: p. 27). Sempre ameaçados pela seca e com abstenção do Estado no cumprimento das Leis, o distanciamento da ideologia dominante da Igreja era cada vez mais nítido criando o ambiente ideal para o que viria a seguir.

Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844 na cidade do Crato, interior do Ceará. O núcleo familiar era composto por seu pai, Joaquim Romão Batista, pequeno comerciante de ferragem e tecidos, sua mãe Joaquina Vicência Romana conhecida como Dona Quinô e duas irmãs Maria Angélica Batista e Angélica Romana Batista. Segundo Braga (2007), relatos sobre sua vida constam que desde pequeno, o jovem Cícero manifestava gosto pelos estudos religiosos e demonstrava uma vocação ao sacerdócio. Suas intenções agradaram a família que logo apoiou a decisão do filho primogênito em torna-se padre. Por isso, aos 18 anos, fora enviado ao prestigiado colégio do Padre Inácio de Souza Rolim, localizado em Cajazeiras, Paraíba. Nesta época, o Nordeste era assolado pela tragédia da cólera que alcançou famílias inteiras, inclusive a sua, quando em 28 de junho de 1862, atingiu seu pai que morreu em consequência da doença. O próprio Cícero também fora atingido pela doença, sobrevivendo. Com a morte do pai, seus estudos foram interrompidos, o que fez com que abandonasse o projeto sacerdotal e assumisse o lugar do pai nos negócios da família. Sua mãe, no entanto, pediu ajuda ao seu padrinho, o coronel Antonio Luiz Alves Pequeno, para custear os estudos de Cícero no seminário. Disposto a ajudar Dona Quino e seu afilhado, Cícero pode finalmente retomar os seus estudos. Assim, aos 21 anos, em 1865, ingressou no seminário diocesano de Fortaleza⁵.

Em 30 de novembro de 1870, Cícero fora ordenado sacerdote. Em seu primeiro ano, dedicou-se a missões em Trairí e outras localidades, mas ainda no ano de 1871 retornou ao Crato, sua cidade Natal. Dom Luís, primeiro bispo do Ceará, lhe permitiu pregar e celebrar missas enquanto aguardava por uma paróquia. Padre Cícero passou a celebrar nas capelas da região e a colaborar como professor de Latim. Planejava lecionar no Seminário Diocesano de Fortaleza quando, todavia, sua vida tomou uma direção diferente. Em 1871, é chamado para celebrar a missa de Natal na capela do povoado de Juazeiro. Em seguida, é solicitado para dar assistência religiosa ao povoado celebrando missas aos domingos e dias santos. Ao final, fora

⁵ Braga, 2007, pg. 25-27.

convidado para assumir aquela capelaria e residir no povoado, convite que aceitou prontamente. Em 1872 trouxe consigo sua mãe e as duas irmãs. Tornava-se então, oficialmente, o padre do Juazeiro.

1. 1 – A Juazeiro de Padre Cícero

Desde a sua chegada em Juazeiro, há relatos do sucesso relativo ao seu trabalho. Segundo Della Cava (1976), Padre Cícero trouxe de volta à Igreja os elementos desordeiros da região e obrigou as prostitutas a confessarem seus pecados. Assim, aos poucos, o povoado de Juazeiro retornou à ordem graças ao trabalho do padre⁶. Por isso mesmo, antes do milagre de 1889, Padre Cícero já era considerado um “santo homem” pela população das classes populares do sertão nordestino devido a sua sabedoria. Os mais humildes assombrados com tamanho conhecimento demonstrado pelo padre em suas pregações costumavam afirmar que tanta sabedoria só podia ser dada por Deus⁷. Muitos iam até Juazeiro em busca de seus conselhos; que variavam desde conselhos de higiene pessoal até como conciliar problemas familiares. Devido à integridade e o sentimento religioso, Padre Cícero recebeu o carinhoso título de “*Meu Padim Ciço*” pelos seus devotos que segundo Barros:

O Padre Cícero foi padrinho de milhares de sertanejos, ‘meu padrinho’ para milhões de nordestinos. Antes de tudo ele foi o sertanejo que viveu os códigos de sua cultura, encarnou o protótipo, o modelo do padrinho protetor, reivindicando até a interferência divina para sê-lo. (...) Vivendo integralmente o papel cultural, recebeu dos afilhados o título honorífico, foi o ‘meu padrinho. (BARROS, 1988, p. 173).

No entanto, apesar da importância que Padre Cícero já havia conquistado nos anos anteriores ao milagre, nos escritos dos estudiosos da área como Della Cava e Barros, identificamos que somente após o advento do milagre, na qual ele fora co-protagonista, é que a vida deste mudaria para sempre. O milagre atribuído ao Padre Cícero surgiu em uma vigília de oração para reverter os impactos da famosa seca de 1888, conhecida como a seca dos “dois oitos⁸” que assolava o sertão. Ao romper da madrugada do dia 1º de março de 1889, Padre Cícero se dirige ao altar para dar a comunhão às mulheres da vigília. Durante a comunhão, uma das devotas, a beata Maria Araújo, teria milagrosamente transformado a hóstia branca em

⁶ Della Cava, 1976, p. 37.

⁷ Barros, 1988, o. 75

⁸ Della Cava, 1976, p. 39

sangue, que se dizia ser de ninguém menos que Jesus Cristo. Este “fato extraordinário”, como tratou a imprensa na época, se repetiria na frente de testemunhas por mais 47 dias. A notícia sobre o milagre da beata do Juazeiro, em cuja comunhão teria recebido o sangue do Nosso Senhor Jesus Cristo, se espalhou pelo sertão nordestino e iniciou a sua trajetória que culminaria com a criação de mito de santo milagreiro. Desde então, uma legião de fiéis passou a se deslocar para Juazeiro no intuito de conhecer o padre, já santificado pela devoção popular. “Ninguém em Joaseiro duvidava da ocorrência de um milagre cuja finalidade tinha sido, pretensamente, relevada a Maria de Araújo, em 1889: Deus escolhera Joaseiro para ser o centro de onde converteria os pecadores e salvaria a humanidade” (DELLA CAVA, 1976, p. 51). Foi então que teve início a formação das peregrinações e a fama de Juazeiro passou a ser projetada para além do Nordeste chegando até mesmo a Vaticano conforme descrito por Barros:

O milagre projeta o Juazeiro para o muito além das terras nordestinas. (...) O padre está exposto aos olhos do mundo, protegido apenas pela fé de seu povo que recebeu com felicidade e nenhuma dúvida ao milagre. Ele não era mais o obscuro ‘homem santo’ de uma comunidade de desvalidos, o santo de milhares de sertanejos. Era agora protagonista de um drama, peão de jogo num tabuleiro desconhecido onde se deslocará ora como sujeito ora como objeto, elemento importante na história de lutas e contradições sociais numa das regiões mais explosivas, pela força dos antagonistas, da sociedade brasileira. (BARROS, 1988, p. 181)

Conforme o milagre ia sendo propagado por todo o Nordeste através dos romeiros que para lá iam à busca das bênçãos daquele lugar, as peregrinações ao local e a construção do mito de santo milagreiro em cima do nome de Padre Cícero começavam a transformar o vilarejo em um centro de importante força econômica e política no Vale do Cariri.⁹ Econômica, pois com a vinda dos romeiros que passaram a residir em Juazeiro, aumentou-se o número de mão de obra e a cidade expandiu-se, política devido ao papel que Padre Cícero começava a exercer e que se concretizaria ao se tornar prefeito de Juazeiro em 1911.

Apesar do presente trabalho não focar no papel político do Padre Cícero, uma breve descrição sobre como ocorreu a sua participação política do mesmo deve ser descrita. Milhares de romeiros continuaram a convergir para Juazeiro e muitos deles fixaram residência no local. Com isso a população duplicou, podendo-se então afirmar que o movimento de

⁹ “Conforme se tornava evidente o crescimento populacional, econômico e político de Juazeiro, a importância política de Pe. Cícero em todo o Cariri se tornava cada vez maior.” (Braga, 2007, p. 198).

peregrinação foi um dos principais motivos das migrações para Juazeiro. “A peregrinação foi o principal veículo da rápida expansão demográfica de Juazeiro do Norte.” (DELLA CAVA, 1976, p. 120). Nos escritos de Della Cava, é relatado que a grande maioria daqueles nordestinos era de origem extremamente humilde, “Os mais numerosos vinham de longe, de uma região do Rio São Francisco, no estado de Alagoas, assolada pela miséria.” (*Ibid*, p. 120). Dirigiam-se a Juazeiro para fugir das injustiças sociais que faziam parte de suas vidas e por isso, nas décadas seguintes, Juazeiro sofreu um grande avanço econômico por concentrar grande mão de obra e pela região do Vale do Cariri possuir solos férteis e fontes perenes de água para enfrentar as piores secas. Mas não há dúvida de que um dos principais fatores para atrair estes trabalhadores era a fama de santo em torno do nome de Padre Cícero. “A pobreza crônica do Nordeste e a busca desesperada dos pobres por um salário de subsistência parecem justificar, ponderavelmente, a presteza com que milhares de romeiros tudo largavam para ir ao encontro de Joazeiro.” (*Ibid*, p. 121). Aos poucos, devido ao intenso fluxo de romeiros, o povoado de Juazeiro foi crescendo conforme destacado a seguir:

As ruas se encompridavam e a vila crescia. O padre distribuía entre os pobres tudo o que recebia e ia pessoalmente batina rasgada, em longos jejuns diários, orientar os trabalhos, incentivar os matutos a se estabelecerem em Juazeiro e se fixarem como agricultores, numa crença cada vez mais forte de que Nossa Senhora das Dores encaminhava para ali os abandonados da sorte. (BARROS, 1988, p. 132).

A expansão demográfica e conseqüentemente econômica do povoado de Juazeiro desencadeou um conflito entre o povoado e sua sede, o Crato. Os recursos financeiros emitidos pelo povoado não eram reinvestidos na cidade santuário o que acabou por constituir um movimento de emancipação de Juazeiro liderado pelo Padre Cícero. Tropas militares foram então enviadas pelo chefe político do Crato, enquanto os moradores do povoado fizeram uma vigília em defesa de seu território¹⁰. A perseguição fez com que Padre Cícero tomasse uma decisão, conforme carta escrita por este em correspondência com o governador do Ceará, Accioly¹¹:

“Joazeiro não mais pagará impostos à Câmara Municipal do Crato; além disso, ou o oligarca ordena, imediatamente, o Cel. Antônio Luíz a retirar de Joazeiro o batalhão de polícia, ou então assumo a inteira responsabilidade das conseqüências funestas...”

¹⁰ Maiores detalhes, consultar Maria de Lourdes Araujo. A cidade de Padre Cícero: trabalho e fé.

¹¹ Della Cava, p. 192.

Devido a sua atuação em defesa da cidade, em 1911, Juazeiro foi emancipado consolidando o seu poder político no povoado e tornando-o prefeito da cidade. A partir de então, nas duas décadas seguintes, Padre Cícero tornou-se um dos chefes políticos mais importantes da história do Nordeste Brasileiro até o período de seu convalescimento e posterior morte em 1934. Seu movimento antes religioso passou a ser eminentemente político. Segundo Della Cava (1976, p. 229), “Não há dúvida de que Padre Cícero figurou com realce, na década de 1920-1930, tanto no progresso material do Cariri quanto no advento do regionalismo nordestino e do nacionalismo brasileiro”.

Pelo exposto, destacamos que a figura do Padre Cícero passa a ter um papel dominante sobre Juazeiro contribuindo para a emancipação e expansão econômica da cidade transformando-se num líder político e religioso.

1.1.1 – A morte do “Padrinho”.

Em 1934, aos 90 anos, Cícero morre em Juazeiro. Milhares de pessoas se aglomeram para velar o corpo. Sobre a morte de Padre Cícero, naquela manhã de 20 de julho, os escritos de Lourival Marques, filho de um dos secretários particulares do Padre, mostram a comoção em torno do falecimento deste ícone da cultura sertaneja:

Acordei pelo tropel de gente que corria pela rua. Fiquei sem saber a que atribuir aquelas carreiras insólitas. Quando cheguei à janela tive a impressão de que alguma coisa de monstruosa sucedia na cidade. Que espetáculo horroroso, esse de milhares de pessoas alucinadas, correndo pelas ruas agora, chorando e gritando, arrepelando-se...Foi então que se soube...O Padre Cícero falecera...Eu, sem ser fanático, senti uma vontade louca de chorar, de sair aos gritos, como toda aquela gente, em direção à casa desse homem, que não teve igual em bondade e nem teve igual em ser caluniado. Um caudal de mais de 40 mil pessoas atropelava-se, esmagava-se na ânsia de chegar à casa do reverendo. O telégrafo transbordava de pessoas com telegramas para expedição, destinados a todas as cidades do Brasil. Para fazer idéia, é bastante dizer que só em telegramas, calcula-se ter-se gasto alguns contos de réis. Logo que os telegramas mais próximos chegaram ao destino, uma verdadeira romaria de dezenas de caminhões superlotados, milhares e milhares de pessoas a pé, marcharam para aqui. Joazeiro vive e está vivendo horas que nem Londres, nem Nova York viverão jamais...O povo, uma onda enorme, invadiu tudo, derrubando quem se interpôs de permeio, quebrando portas, passando por cima de tudo. Pediu-se reforço à polícia, mas o delegado recusou, alegando que o Padre era do povo e continuava a ser do povo.

Arranjaram no entanto, um meio de colocar o cadáver exposto na janela, a uma altura que ninguém pudesse alcançar e, durante todo o dia, várias pessoas encarregaram-se de tocar com galhos de mato, rosários, medalhas e outros objetos

religiosos, no corpo, a fim de serem guardados como relíquias. Milhares de pessoas continuavam a chegar de todos os pontos, a pé, a cavalo, de automóvel, de todas as formas possíveis.

Quatro horas da tarde...Surge no céu o primeiro avião do exército. Depois outro. Lançam-se de ponta para baixo, em vôos arriscadíssimos, passando a dois metros do telhado da cada do Padre Velho. Duram muito tempo os vôos. É a homenagem sentida que os aviadores prestam ao grande vulto brasileiro que cai...Desceram depois no nosso campo, vindo pessoalmente trazer uma riquíssima coroa, em nome da aviação militar.

A cidade é uma colméia imensa; colméia de 60 mil almas, aumentada por mais de 20 mil, que chegaram de fora. Nenhuma casa de comércio, de gênero algum, barbearias, cafés, bares, nada abriu. A prefeitura decretou luto oficial por três dias. O mesmo imitaram as cidades do Crato, Barbalha e outras. Todas as sociedades e sindicatos têm o pavilhão nacional hasteado a meio-pau com uma faixa negra em funeral. (DELLA CAVA, 1976: p.257)

Falar da morte de Padre Cícero envolve outro ponto crucial de sua trajetória de vida, isto porque a morte física não representou o fim de sua existência para os romeiros, mas sim uma passagem para outro nível: o encantamento. Esta é uma narrativa muito comum na crença romeira, a de que o Padrinho *Ciço* continua vivo, no Juazeiro sagrado. Segundo Braga (2007) o “Horto”¹² é um dos locais onde os devotos de Padre Cícero sentiriam de forma mais forte a presença do padre. Conforme um trecho da música de Luiz Gonzaga que diz “Olha lá, no alto do Horto, ele tá vivo, o padre não ta morto”.¹³ Uma das possíveis explicações seria a imagem de 27m de altura do sacerdote existente no local.

¹² Segundo Araújo (2005, p.343), foi a parte setentrional da serra do Catolé, no Juazeiro, o espaço em que, seguramente, o sagrado se estabeleceu de forma muito evidente. Mais precisamente, naquele pedaço de elevação localizada ao lado do povoado, fora do núcleo habitacional. Um lugar que, no final do século XIX, já era denominado pelos romeiros e pela população como Horto. Este nome faz alusão direta ao Horto das Oliveiras o local bíblico, onde Jesus passou as últimas horas de vigília e sofrimento espiritual antes de ser preso, condenado à morte e crucificado.

¹³ Trecho da música “Viva meu *padim*” gravada em parceria com João Silva, no disco Forró de Cabo a Rabo, de 1986.



Figura nº 1: Serra do Horto, monumento ao Padre Cícero.

Fonte: Movimento Iojista - Ano 1 - Nº 2 - Junho, 2001.

Isto ajudou na manutenção do culto e celebração pós-morte. Ao morrer, no dia 20 de julho, muitos disseram que a cidade que ele fundou e a devoção à sua pessoa acabariam logo. “Alguns comerciantes de Juazeiro, por exemplo, chegaram a cerrar as portas de seus negócios por preconizarem o fim daquela cidade, cuja vida comercial dependia muito dos romeiros” (DELLA CAVA, 1976: p. 312). Enganaram-se. A cidade prosperou e a devoção aumentou. Para os romeiros, mesmo com a morte do padrinho, continuou a existir ali um sentido religioso muito forte, pois agora o padre estava despido das suas condições humanas se transformando oficialmente no “santo” Padre Cícero. Como Braga cita:

Dessa maneira, sua morte, que poderia ter representado o fim do Juazeiro sagrado, gerou um efeito inverso. Com o Padrinho "encantado" o Juazeiro dos romeiros tornou-se mais sagrado. E as romarias continuaram a existir, ao invés de morrerem junto com a física de Pe. Cícero. E, com o passar do tempo, voltaram inclusive a crescer; com o aumento exponencial das romarias, o próprio santo Padrinho Cícero dos romeiros foi crescendo e se tornando para eles mais santo que outrora. Um verdadeiro Santo Padrinho Cícero. (BRAGA, 2008, p. 362)

É igualmente provável, que a hierarquia eclesiástica local e mesmo do Nordeste tenha alimentado a esperança de que a morte de Padre Cícero dispersasse seus seguidores, dando fim àquele "antro de fanatismo" como costumavam denominar a cidade de Juazeiro. No entanto, até hoje, todo ano, religiosamente, uma grande multidão de romeiros, vindos dos mais distantes locais do Nordeste, chega a Juazeiro para uma visita ao seu túmulo, na Capela do Socorro. A morte do Padre Cícero não diminuiu o crescimento da cidade e as migrações.

Pelo contrário, as manifestações se intensificaram incentivando a produção cultural local de artigos religiosos. Após a sua morte, a imagem do Padre Cícero continua a representar a cidade, impulsionando a economia local através da produção de estátuas de gesso e madeira, confeccionadas em diferentes tamanhos pelas mãos habilidosas dos ‘santeiros do Padre Cícero’¹⁴ e que falaremos mais adiante em nosso trabalho.

¹⁴ Os artesãos que confeccionam as estátuas de Padre Cícero são assim denominados.

Capítulo 2 – O Catolicismo Popular no sertão nordestino

Uma das questões mais importantes debatidas nos trabalhos e estudos referentes ao Padre Cícero é o fenômeno do catolicismo popular, um fator imprescindível para a compreensão de como e por que Padre Cícero acabou ser tornando o padrinho de milhares de sertanejos e o guia espiritual de nordestinos de diferentes camadas sociais. Acerca da compreensão sobre o fenômeno, a antropóloga Luitgarde assinala que “Compõe o catolicismo popular, não só o senso comum de uma época histórica dada, mas também as formas mais antigas de catolicismo, os movimentos heréticos populares” (BARROS, 1988. p. 142-143). Seu estudo sobre a religião em Juazeiro e a formação do catolicismo popular no Nordeste nos ajuda a entender como esta transformou Juazeiro em uma cidade sagrada para os devotos do padre.

Segundo Barros (1988), o homem sertanejo é, devido aos próprios códigos de sua cultura, um homem cristão. A própria singularidade do sertão nordestino foi o que possibilitou esta visão do mundo. No entanto, dentro da religião católica é evidente a diferença entre a crença e a concepção de mundo das camadas populares representado pelo sertanejo e a dos intelectuais, representada pela Igreja Católica. A construção do catolicismo popular no sertão nordestino deve-se a uma cultura popular profundamente marcado pelas crenças e práticas religiosas. Por isto mesmo, ainda que o Padre Cícero, ordenado em 1871, tenha recebido uma educação sacerdotal bastante rigorosa, reflexo do esforço de romanização, sua postura e sua atuação junto à população possuía um elo entre os dois mundos. Como sacerdote, sua atuação possuía elementos da concepção de mundo do catolicismo popular das classes subalternas bem como da ideologia hegemônica da Igreja Católica, conforme destacado por Braga:

A questão era que muitos dos seminaristas que formaram as primeiras turmas do seminário de Fortaleza - dentre eles o jovem Cícero - tiveram sua primeira formação religiosa forjada nesse ambiente religioso, piedoso, devocional que existia anteriormente ao advento do processo de romanização. Um espaço de origem que, além de tudo, era aquele onde estava alicerçada a religiosidade de seus pais, de sua gente. (BRAGA, 2008, p. 53).

Devido a própria estrutura de crenças e as superstições populares que as camadas subalternas estavam inseridas, identifica-se o ambiente ideal para a propagação destas práticas do catolicismo popular.

As práticas dos sertanejos, concernentes aos rituais católicos, enquanto tradições culturais, são produtos, como vimos, primeiros dos ensinamentos dos jesuítas, franciscanos e capuchinhos e, no decorrer dos séculos, dos funcionários preparados nos seminários e conventos católicos. (BARROS, 1988, p. 235).

Neste sentido, podemos dizer que enquanto a classe dominante produz uma ideologia, o catolicismo popular decodifica esses códigos segundo suas próprias práxis. Esta decodificação afasta cada vez mais estas classes populares da ideologia hegemônica da Igreja Católica. O que no futuro torna possível compreender por que os fiéis indiferentes às autoridades eclesiásticas santificaram Padre Cícero enfrentando a estrutura social dominante da alta hierarquia da Igreja.

De fato, a concepção religiosa dos devotos de Padre Cícero destoava bastante daquela imposta pela Igreja. Enquanto temos a formação de um clero cada vez mais submisso à autoridade eclesiástica devido às fortes pressões desta para a manutenção de seu poder e prestígio no local, o mesmo não aconteceria com a população de sertanejos seguidores do catolicismo popular que obtém uma concepção religiosa próxima das baixas camadas européias. “As virtudes teológicas – fé, esperança e caridade – são repetidas como fórmula que abre a porta para o céu”. (BARROS, 1988, p. 98). O inferno era usado para ameaçar aqueles que eram viciados em jogatina, que viviam na leviandade ou haviam cometido um crime, “o sofrimento na terra era apontado como o principal caminho da salvação. (*Ibid*, p. 98).

Assim, nem mesmo a proibição do Bispo do Ceará de que o padre pregasse sobre o “milagre” em público e a exigência de que ele negasse a ocorrência do mesmo, além da proibição de realizar missas, afetou a fé dos romeiros que se mostrando totalmente insatisfeitos com aquela injustiça ao “santo padrinho” e não tendo um local onde pudessem exercer sua fé, passaram a se dirigir à rua em frente à casa de Padre Cícero onde podiam rezar

o rosário e avistar o “padrinho” pela janela de onde dava a sua bênção e conselhos ao que Braga se refere como “ritual da janela”¹⁵.

Baseado na idéia de que a religião aparece como uma tentativa de homogeneizar as concepções do mundo de um determinado grupo, ou seja, de ditar uma ideologia, seguindo um pensamento de Geertz, podemos dizer que “a perspectiva religiosa difere-se da perspectiva do senso comum, como já dissemos, porque se move além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas, que as corrigem e complementam, e sua preocupação definidora não é a ação sobre essas realidades mais amplas, mas sua aceitação, a fé nelas.” (GEERTZ, 1989: p.129). Isto significa dizer que para aqueles credores no milagre, de nada bastava os argumentos arranjados pela Igreja para invalidar os fatos. As dificuldades pelas quais os devotos de Padre Cícero passam, levam a aceitar possibilidades destoantes, prevalecendo o exercício das crenças e rituais religiosos populares e conseqüentemente a fé no “padrinho”.

Todavia, não só fiéis pertencentes às classes subalternas acreditavam no “milagre” e “santidade” do padre. Dentro do grupo elitizado, destacam-se as figuras de José Marrocos, professor e jornalista, e o tenente coronel José Joaquim Maria Lobo, personagens importantes que declararam apoio ao Padre e buscaram a legitimação do “milagre”¹⁶, além de várias famílias de fazendeiros importantes e influentes da região que não só o apoiavam como também o ajudavam através de doações.

Como podemos constatar, seus devotos foram fundamentais para que Juazeiro transformasse em local “sagrado”. No entanto, é importante ressaltar que as beatas e os padres das redondezas, em um primeiro momento, também foram um fator de grande ajuda para tornar o padre “santo” pela religiosidade popular. As beatas de Juazeiro e Crato vieram a ser as propagadoras-chaves da religião popular¹⁷. Quanto mais a Igreja tentava erradicar aquele culto, maior era a autonomia destes grupos constituídos por aqueles que se apegavam ao santo padrinho. Viam no Padre Cícero um novo Padre Ibiapina e aqui, devido a importância deste personagem, cabe falar um pouco sobre a sua trajetória de vida, de modo a compreender as raízes deste movimento e a história antecedente ao culto à figura do Padre Cícero.

¹⁵ Braga, p. 300.

¹⁶ *Ibid*, p. 191.

¹⁷ Della Cava, p. 68.

José Antônio Pereira Ibiapina nasceu no dia 5 de agosto de 1806, em Sobral, Ceará. Ainda na infância sofreu uma grande perda com o fuzilamento do seu pai na revolução conhecida como Confederação do Equador. Formou-se em Direito e exerceu a profissão de advogado ficando conhecido pelas redondezas como um advogado do povo, devido as suas demonstrações públicas de ser contra o domínio dos senhores do sertão. No entanto, a partir de 1850, larga a sua profissão e depois de ordenado em 1853 reza a sua primeira missa em Recife. A partir de então, durante trinta anos, Padre Ibiapina percorreu sertões de Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco sempre de batina, a pé ou a cavalo até a sua morte em 1883. Sua ação foi evangelizadora e ao mesmo tempo civilizadora. (BARROS, 1976, p.103). Por onde passava levava palavras de conforto para o povo sofrido do sertão nordestino arrastando multidões e colocando em prática a utopia cristã. Dedicou-se também a construção de capelas, açudes, cacimbas e ajudou a fundar Casas de Caridade, onde os seus beatos eram encarregados de prover o sustento de todos da casa e as beatas de cuidar das órfãs e dos enfermos. Sobre isto, Barros afirma:

A existência dessas ordens de beatos, pelo contato íntimo com a vida sertaneja e domínio de seu universo cultural, a religiosidade prática, por sua pertinência às camadas mais baixas da hierarquia social, é responsável pela sedimentação das condutas sociais cada vez mais distantes das sofisticadas teológicas da cúpula da igreja. Toda a formação religiosa das camadas populares se concretizava nos beatos e seus seguidores, constituindo o catolicismo popular no Nordeste, criador das cidades santas, mantenedor de Juazeiro do Padre Cícero. (BARROS, p. 106, 1976).

A população tão desprotegida do sertão agora encontra em Padre Ibiapina uma palavra de esperança para preencher o vazio e o sofrimento da vida no sertão. Como se pode imaginar, a comoção em torno do padre não foi bem vista pela Igreja que considera exagero e não vê com bons olhos o fervor de seus seguidores, considerando como principal elemento de desobediência a congregação religiosa de freiras. Segundo descrito por Barros¹⁸, Ibiapina dava-lhe um hábito religioso e obtinha destas beatas um voto para trabalharem a serviço do Senhor sem a autorização das autoridades eclesiásticas. Esta foi a gota d'água para que a Igreja considerasse o padre uma afronta à autoridade Episcopal. Neste sentido, podemos perceber então que o Cariri de Padre Ibiapina é tomado pela efervescência religiosa pautada na fé e na caridade com os seus próximos e as suas práticas religiosas divergem da então praticada pela igreja oficial. Através deste breve relato sobre a história de vida do Padre Ibiapina, podemos perceber que os elementos do catolicismo popular já estavam enraizados

¹⁸ Barros, 1976: p.104-106

nas camadas mais baixas da população e inclusive, como citado nos registros de Barros (1988) encontra-se referência sobre este fervor religioso na criação do então menino Cícero:

Os biógrafos do Padre Cícero são unânimes em retratá-lo, nessa fase, como uma criança e um adolescente já tocados pelo fervor religioso do mundo sertanejo de sua época. O ambiente familiar de profundo respeito ao Padre Ibiapina, a leitura da vida de santos, a assiduidade à Igreja, a vivência das missões, forma o clima de religiosidade de sua vida. (BARROS, 1976: p. 107).

Assim, é possível compreender o porquê de Padre Cícero ter seguido a linha do catolicismo popular ainda que tenha tido uma educação sacerdotal. Além disso, em arquivos sobre a sua biografia encontra-se também material que comprova que desde o início o padre tentou conciliar o melhor dos dois mundos:

Encontra na união com esses homens a razão de ser de seu sacerdócio e coerente com toda a formação religiosa de vivência leiga e sacerdotal, busca a ratificação divina para essa escolha. Legítima, pela ordem de Cristo, o trabalho que já assistira Ibiapina fazer, incorrendo no desagrado do Bispo. É esta a sua primeira tentativa de conciliar uma práxis do catolicismo popular, de dedicação às baixas camadas, com a obediência à autoridade eclesiástica que, por sua própria razão de ser, buscará sempre a submissão delas à ortodoxia do Vaticano. (Id. 1976: p. 118).

Ainda no trabalho apresentado por Barros (1988, p. 227-228), “há muito tempo o povinho das brenhas se encontrava sem um guia. Desde a morte de Ibiapina, em 1883, ninguém mais varava os cafundós do mundo procurando os esquecidos da sorte para uma palavra de consolo e esperança.” Portanto, como podemos perceber, a figura do Pe. Cícero se assemelhou muito com a figura do então Padre Ibiapina pela sua luta e dedicação aos mais pobres, de modo que o povo, já tão castigado pela seca, identificou na figura de Cícero um novo Padre Ibiapina, um defensor daqueles que até então estavam esquecidos por Deus.

Este breve relato da vida de ambos é importante para ressaltar as semelhanças nas características entre os dois padres e entendermos a situação histórica em que a região do Cariri se encontrava. Diante de tanta miséria e devastação ambos acharam por direito dedicarem suas vidas na busca de melhorias para a população e trabalharam incansavelmente para levar um alento aos sofrimentos daqueles a quem os depositavam confiança.

Capítulo 2.1 - A categoria de Santidade em Padre Cícero

Para a compreensão do termo de “santidade” adquirido pelo padre, é importante analisar que foi a partir do “milagre” da hóstia realizado em Juazeiro e testemunhado por centenas de fiéis, que o culto a “santidade” do padre teve início e instaurou-se uma verdadeira crise entre o povo e a Igreja devido ao conflito destes dois mundos. Sobre isto, nos seus estudos sobre o fenômeno, Barros afirma:

Estamos, pois, diante do catolicismo popular com seu espontaneísmo de um lado, e do catolicismo institucionalizado, altamente hierarquizado e monopolizador de interpretação de todo e qualquer fenômeno ligado aos problemas da fé, de outro. (BARROS, 1988, p. 196).

O Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, preocupado com a crença cada dia maior no “milagre” e na “santidade” de Padre Cícero faria o que tivesse ao seu alcance para reduzir este culto ao padre e a beata Maria de Araújo. A preocupação principal da Igreja era a perda da autoridade diocesana, pois por todos os lados surgiam manifestações espontâneas de culto. Segundo Barros (1988), o Bispo Dom Joaquim exige do padre a sua submissão às autoridades, mas o padre já nada pode fazer, pois o caso do milagre em Juazeiro fora propagado até mesmo pela imprensa gerando um aumento considerável do fluxo de romeiros e criando uma situação a qual estaria fora de seu controle. Sob os pormenores desta ação, vale dizer que em primeira instância, o Bispo tentou em vão que o Padre Cícero prestasse contas sobre o episódio do “milagre”, no entanto, a ausência de resposta gerou os primeiros indícios de desconfiança. Ao enviar uma segunda carta, novamente, teve o silêncio como resposta. Certo de que se tratava de uma desobediência, o bispo Dom Joaquim nomeia uma Comissão de Inquérito composta por dois sacerdotes de reconhecida competência: Padres Clicerio da Costa Lobo e Francisco Pereira Antero para averiguação e relatório sobre o milagre. No entanto, como ambos confirmaram a sobrenaturalidade do fenômeno, inconformado, o Bispo recusa as conclusões e nomeia uma nova comissão desta vez constituída pelos Padres Antônio Alexandrino de Alencar e dos sacerdotes Cândido dos Santos e Miguel Coelho de Sá Barreto. Esta nova comissão, recolheu provas contra o “milagre” sempre seguindo a orientação do Bispo, concluíram então pela falsidade do milagre gerando um verdadeiro tumulto entre aqueles que acreditavam no milagre e os que protestavam. No entanto, as “romarias” estavam cada vez maiores agora que o padre era considerado perseguido e o caso do “milagre” propagava-se por todo o Nordeste. A situação

ficou ainda pior com a chegada do Santo Ofício expedido em 1894 confirmando a decisão do Bispo e proibindo terminantemente aos padres que falassem ou escrevessem sobre o milagre e todas as relíquias conservadas pelos devotos (como as medalhas de Padre Cícero e Maria Araújo) deveriam ser retiradas de circulação. Além disso, ficavam também proibidas as visitas à beata Maria de Araújo¹⁹. Dom Joaquim considerou então a Questão como encerrada e convocou Padre Cícero e os outros padres ligados ao fenômeno em Juazeiro à Fortaleza para comunicar a decisão e fazer com que estes prestassem juramento. Porém, ao saber das decisões do Santo Ofício, Padre Cícero ao contrário do que se pensava, nega-se a deixar Juazeiro e a abandonar seus seguidores acreditando que as decisões do Santo Ofício foram influenciadas pelo bispo D. Joaquim²⁰. Enquanto isso, padre Alexandrino vai à Juazeiro encarregado de conseguir a retratação das beatas, porém sob a leitura da carta, o Vigário escreve ao Bispo:

(...)O povo de Juazeiro, em quase sua totalidade, não aceita a Decisão da Santa Sé baseado em sofismas. Espera a volta do Padre Cícero a quem tudo confia – não crê em Papa, Bispo, ou em qualquer autoridade eclesiástica.

O padre Cícero para eles é tudo, e depois do Padre Cícero, a Maria de Araújo.(...).(BARROS, 1988, p, 219)

A relevância destes acontecimentos e do movimento do catolicismo popular para a consagração de Padre Cícero como “santo” é muito importante, pois é neste momento que teremos a nítida separação da concepção de mundo das camadas baixas versus a Igreja. Para os romeiros e devotos do padre, a consagração ou não do “milagre” fica em segundo plano. Não importava que o Vaticano reconhecesse ou não o “milagre”, pois para o povo, o que fazia daquele homem um “santo” era a sua ligação com aqueles milhares de necessitados. Assim, vale ressaltar que o termo de “santidade” empregado para designar Padre Cícero, se distingue muito da concepção da Igreja, pois para os seus devotos, devido aos princípios éticos empregados pelo Padre Cícero, seus seguidores atribuíram a ele, assim como anteriormente atribuíram ao padre Ibiapina, um enorme prestígio e respeito, e acabaram por adotar o carinhoso termo de “padrinho *Ciço*”. A preocupação que possuía com os princípios cristãos e a vida cotidiana do sertanejo valeu-lhe a fama de santo por todo o nordeste, o santo de milhares de sertanejos.

¹⁹ Barros, p. 217.

²⁰ Idem, p. 218.

Ainda sobre os termos empregados pelos devotos, o termo “padrinho”, bastante utilizado para se referir ao Padre Cícero, possui uma conotação muito nítida significando “segundo pai”. Sobre isto, Barros ressalta que:

Quando alguém se dirige a outro com a expressão “meu padrinho”, está lhe rendendo ao mesmo tempo gratidão, oferecendo-lhe seus empréstimos, afirmando-lhe fidelidade, tudo isso com o significado de um título que é também de orientador, aquele que merece respeito, enfim, é um símbolo de prestação de obediência, é a escolha espontânea de alguém que merece, por sua conduta, a confiança de dirigir e aconselhar suas próprias opções de vida. (BARROS, 1988, p. 173)

Assim, ser padrinho de alguém na cultura nordestina é considerado um privilégio e Padre Cícero conseguiu a grande honra de ser assim chamado por ser considerado por milhares de sertanejos como o protetor daqueles que sofriam, como um sábio sempre capaz de dar conselhos e por não ter abandonado Juazeiro e seu povo mesmo diante das pressões exercida pela Igreja. Apesar de toda a fé do povo na crença da “santidade” do padre e na legitimação do milagre, o fato é que todo aquele fervor religioso em torno dele e da beata Maria Araújo continuou a não agradar em nada a Igreja Católica. É sabido que, dentro da própria Igreja, muitos dos que apoiaram o padre no início, acabaram por se retratar e a se declararem publicamente contra o padre diante das medidas de punições orquestradas pelo Bispo do Ceará para encerrar aquele movimento considerado como fanatismo religioso. Sobre isto, Braga (2008, p. 321) ressalta ainda que, “com a debandada dos padres e com o cerceamento daquelas práticas religiosas – notadamente as sacramentais – que eram de uso clerical, abriu-se espaço para o avanço das práticas religiosas de perfil mais laico e menos litúrgico.”

Diante disso, a perseguição da Igreja acabou por fortalecer o culto ao “padrinho” e mostra uma evidente tentativa de submeter às camadas populares aqui representadas pelos “romeiros” de Padre Cícero à autoridade eclesiástica. As ações de Dom Joaquim e do Santo Ofício não alcançaram o sucesso absoluto como pretendido, pelo contrário, apesar de terem conseguido a retratação dos padres que até então apoiavam a causa do padrinho, a população em sua grande maioria, continuou a seguir o padre. Quanto mais tentavam erradicar aquele culto, maior era a autonomia dos beatos e romeiros que se apegavam ao “padrinho” e confirmavam a crença em sua “santidade”²¹.

²¹ Barros, p. 228.

2.1.1 – As romarias de Padre Cícero



Figura nº 2: Romeiros do Padre Cícero, em caminhão pau-de-arara, Juazeiro do Norte, 2004.

O presente tópico aborda a importância das “romarias”²² enquanto expressão coletiva de um sentimento do povo. Quando falamos em Juazeiro do Norte, provavelmente a primeira coisa da qual se pode lembrar é justamente a figura do Padre Cícero e as “romarias”. Todos os anos, a cidade recebe romeiros de diferentes regiões do Nordeste e do restante do país para agradecer e pagar promessas e ainda para pedir bênçãos às suas vidas chegando a atrair até meio milhão de fiéis na Romaria de Finados²³.

As “romarias” em Juazeiro do Norte tiveram início a partir da notícia sobre o milagre de 1889 ao qual se atribuiu ao Padre Cícero. A partir de então, uma legião de fiéis passou a se deslocar para o povoado com a esperança de conhecer o padre, santo milagreiro. Segundo Araujo (2005), como o cenário destas migrações era o sertão do século XIX, a maioria dos fiéis que se deslocavam para Juazeiro eram de baixo poder aquisitivo e provenientes do meio

²² O dicionário Aurélio traz uma sucinta definição de romaria, como sendo uma “peregrinação de caráter religioso que reforçam o ato de peregrinar, ou seja, andar por terras distantes; ir em lugares santos ou de devoção. (FERREIRA, 1977:424)

²³ G1 - Portal de Notícias do Globo. (2012). Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/11/maior-romaria-do-ano-atrai-meio-milhao-de-fieis-em-juazeiro-do-norte.html>

rural. O meio de locomoção principal era o cavalo, mas os mais pobres andavam a pé. Nos versos da música de Luiz Gonzaga, “Estrada do Canindé”²⁴, gravada originalmente em 1950, o cantor refere-se às romarias no Ceará dizendo:

*...artomove lá nem se sabe
se é home ou se é muié
Quem é rico vai de burrico
Quem é pobre anda a pé ...*

Os que tinham melhor condição iam a cavalo e os que não podiam vinham a pé demonstrando uma grande motivação religiosa. Geertz (1989) em seu estudo afirma que a fé é um dos dispositivos que o homem possui para enfrentar situações de sofrimento. O problema não seria o sofrimento em si, mas em como sofrer. A dor é um dos motivos que segundo o antropólogo levaria o homem a buscar respostas e acreditar em deuses e demônios afirmando que a religião ajuda as pessoas a suportarem situações de pressão emocional, “abrindo fugas a tais situações e tais impasses que nenhum outro caminho empírico abriria, exceto através do ritual e da crença no domínio do sobrenatural.” (Malinowski 1948 apud Geertz 1989: p. 118). Portanto, partindo de uma perspectiva religiosa, a fé é o que motiva aqueles “romeiros” vindos dos mais distantes locais do sertão fugindo da fome e da morte a peregrinarem para a Juazeiro “sagrada”.

O constante ir e vir de gente nas primeiras décadas do século XX transformou o pequeno povoado. “Juazeiro era, principalmente, um ir e vir de gente pobre. Fosse em “romaria”, fosse à esperança de lá permanecer sobre a proteção do Padrinho Cícero” (Braga, 2007, p. 278). Provavelmente, uma das causas deste grande fluxo de migrações seria as secas que atingiam o Nordeste na época, transformando Juazeiro num "centro de atração de milhares de sertanejos pobres que procuravam fugir de um destino miserável ou mesmo funesto.” (*Ibid*, p. 278).

Até hoje no imaginário do “romeiro”, dirigir-se à Juazeiro é viajar para a terra santa, esta construção de Juazeiro como "sagrado" se constitui a partir da figura de Padre Cícero como representação²⁵ romeira. Por isso, mesmo as adversidades dos meios de locomoção e

²⁴ Canindé é um importante centro de romarias no Ceará, cujo culto é devotado a São Francisco do Canindé.

²⁵ O termo "representação" está sendo usado aqui, neste momento, num sentido que é próprio de uma epistemologia durkheimiana. Isto é, Padre Cícero como parte e expressão de uma representação coletiva.

hospedagem, não desanimam os devotos de todos os anos participarem das “romarias”. Dirigir-se a Juazeiro também é um caminhar em direção à identidade. Sobre este sentimento de pertencimento coletivo, Durkheim (1989) afirma que:

As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que professa a sua adesão a elas e à prática dos ritos delas solidários. Não são simplesmente admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas antes uma coisa própria do grupo e formam a sua unidade. Os indivíduos que a compõem sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. (DURKHEIM, 1989, p. 47).

Durante a visita a cidade “sagrada”, a identidade de romeiro se sobrepõe às demais. Todos percorrem os mesmos trajetos, usam chapéus de palha e rosários e entoam os mesmo cânticos trazendo à tona este sentimento de pertencimento coletivo. O uso destes símbolos religiosos como o chapéu de palha e o rosário projetam uma relação de identidade entre os seus usuários, distinguindo-os dos demais. Consideradas a festa do catolicismo popular (Araujo, 2005, p. 148), as “romarias” tornaram Juazeiro em um espaço de encontro dos devotos para reverenciar o padre. Talvez, o maior motivo para a atração de tantos romeiros na cidade, seja a renovação da esperança e da fé em *Padim Ciço*. Atualmente, Juazeiro do Norte possui romarias ao longo de todo o ano, entre elas destacam-se:

As principais romarias do ano começam no segundo semestre, abrindo com a Romaria de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade, com a grande procissão no dia 15 de setembro. São 13 dias de festa na cidade, neste ano. No mês de novembro acontece a Romaria de Finados, de 29 de outubro a 2 de novembro. É a maior do ano, depois da festa de Nossa Senhora das Dores. Em fevereiro, ocorre a Romaria de Candeias, dia 2 de fevereiro, encerrando o calendário das grandes procissões da fé. (Fonte: Jornal diário do Cariri)²⁶.

Os “romeiros” de Padre Cícero construíram, portanto, um espaço de resistência do catolicismo popular na cidade de Juazeiro do Norte. “A romaria é o coração do romeiro e todo romeiro quer visitar e revisitar o Juazeiro²⁷”.

²⁶ Jornal Diário do Cariri. (2012). Disponível em: <http://www.diariodocariri.com/noticias/juazeiro-do-norte/31695/>

²⁷ Araujo, p. 152

Capítulo 3 – O “sistema cultural” em Juazeiro

É sabido que o homem precisa ter no que acreditar, pois conforme dito por James, “acreditamos em tudo o que podemos e acreditaríamos em tudo, se pudéssemos”. (JAMES apud GEERTZ, 1989: 113). Um homem não vive só de alimento para o corpo, mas também da alma. Usando um célebre verso de Voltaire, “*se Deus não existisse precisaria ser inventado.*” Não há dúvidas de que a fé é o que muitas vezes torna possível ao homem superar seus limites e sofrimentos e o que torna o seu mundo compreensível. O homem, diferentes dos animais, não vive com uma ordem já pré-estabelecida, por isso criamos a cultura e seus símbolos. Estes símbolos possuem grande importância para a imaginação e para a fé dos homens. Necessitamos destas redes simbólicas da religião de onde se derivam os festivais e celebrações como alimentos para a alma. Sendo assim, entendendo a dimensão cultural da análise religiosa, visualiza-se em Juazeiro do Norte um conjunto identificável de vários símbolos sagrados que representam o ‘santo popular’ ou como é chamado pelos romeiros de *Padim Ciço*. Por definição de símbolo, concordamos com a explicação de Geertz de algo “usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o “significado” do símbolo (...)” (1989: p, 105). Buscamos então compreender quais são estes símbolos que mantêm o Juazeiro “sagrado” e as motivações que levaram Padre Cícero a torna-se um símbolo não somente religioso, mas também cultural da cidade.

3.1 - Os símbolos da fé

A importância destes símbolos religiosos para a manutenção da fé é a de que eles “formulam uma congruência básica entre um exemplo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a

autoridade emprestada do outro.” (GEERTZ, 1989, p. 104). O homem, apesar de todo avanço tecnológico, continua com a necessidade de se apoiar em símbolos religiosos, sejam eles quais forem. Talvez porque seja através destes símbolos que o indivíduo compreenda a sociedade a qual pertence. São eles que denotam a crença na prática religiosa e o *ethos*²⁸ de um grupo que neste caso constitui-se pelos romeiros do Padre Cícero.

Portanto, convém dizer que a religião é responsável por criar a visão do mundo para aqueles que a praticam, por representar um ideal de vida, descrever fenômenos e retratar uma condição de vida em particular sendo possível então afirmar que a religião pode ser considerada como a responsável por ajustar as ações humanas deste determinado grupo de fiéis. Por religião, usando a definição de Geertz, entendemos que esta se classifica como:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatorialidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989:105).

Os símbolos utilizados para designar a construção do catolicismo popular em Juazeiro são muitos, a começar pelo principal e maior símbolo do catolicismo popular: o próprio Padre Cícero. Um símbolo de resistência da devoção popular, de “santidade”, da visão de mundo e da representação do *ethos* daquela massa de sertanejos.

A função dos símbolos é a de decodificar o código dos padrões culturais utilizado pelos seus fiéis. Por padrões culturais temos “um aspecto duplo intrínseco, eles dão significado, isto é, uma forma conceptual objetiva, à realidade social e psicológica, modelando-se em conformidade a ela e ao mesmo tempo modelando-a a eles mesmos.” (GEERTZ, 1989: p. 109).

Portanto, é possível afirmar que são estes símbolos que modelam o indivíduo, suas inclinações, hábitos e suas experiências de vidas. Assim, Padre Cícero foi e continua sendo

²⁸ "O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na sua simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade" (Geertz, 1989, p. 93).

um importante símbolo para a criação do Juazeiro “sagrado” e para a manutenção da religião como “sistema cultural”, no local caracterizando-se como um elemento de motivação e inspiração religiosa para os milhares de nordestinos que se consideram afilhados deste.

A construção do espaço sagrado em Juazeiro só foi possível devido aos romeiros e a sua crença no “padrinho” conforme relatado no capítulo anterior. Segundo Rosendahl (1999, p. 233), o espaço sagrado se define como “um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência”, onde se pode então concluir, a partir desta definição, que Juazeiro do Norte pode ser considerado um espaço sagrado devido a todo o contexto religioso existente na história de sua cidade, e por ser considerada como sagrada pelos devotos do padrinho. No entanto, outro elemento é importante para que mais de meio século após sua morte, a fé no padre continue presente na cidade, este elemento seria a comercialização dos bens simbólicos²⁹ relativos ao Padre Cícero. São estes símbolos da fé que dariam margem a dimensão cultural da análise religiosa. A cultura é, portanto, utilizando uma própria definição de Geertz, “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (1989, p:103).

Os símbolos religiosos adquiridos após o milagre em 1889, seriam então a base para construção deste espaço sagrado, da idéia de cidade “santa” por terem a função de construir o elo entre o indivíduo e a sua fé, neste caso, entre o romeiro e o Padre. O uso do rosário e do chapéu de palha, a comercialização dos artigos religiosos pelos feirantes, a estátua de Padre Cícero no Horto, as lembranças trazidas da cidade santa, são estes os símbolos que identificam esta parcela da população como romeiros e devotos do Padrinho Cícero e o Juazeiro “sagrado”, das “romarias” e do culto ao “milagre”.

Durante a imersão no local feita na romaria de Finados, realizada em novembro de 2011, percebemos que em Juazeiro, o padre está na fachada das lojas, dos supermercados, dos cartórios, das bodegas, dos comitês eleitorais. Presente até mesmo em nomes de praças como

²⁹ Segundo Araújo (2005), caracterizamos enquanto bens simbólicos o conjunto de objetos usados nos cultos pelos romeiros do Padre Cícero.

a Praça Padre. Cícero, localizada no centro de Juazeiro e avenidas como a Av. Padre Cícero, o padre parece onipresente em Juazeiro.

Além disso, outro fato interessante é encontrar em quase toda casa católica no sertão nordestino imagens do Padre Cícero em miniatura. Retratado sempre com seu cajado, a batina e o chapéu, vestimentas típicas do Padre. Conforme fotos a seguir:



Figuras nº 3 e 4: altares em lares de Juazeiro do Norte/CE. Fotos tiradas em novembro de 2011.

Estes símbolos são necessários para que o “sistema cultural” possa continuar existindo. Geertz (1989, p. 114) afirma que “O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mesmo mais remota de que eles são capazes de enfrentar um ou outro aspecto da experiência provoca nele a mais grave ansiedade.”

Geertz (1989) também afirma a importância dos rituais e a dependência do homem nestes para a manutenção do “sistema cultural”, neste caso, para a manutenção da imagem de Padre Cícero na memória da cidade e de seus devotos. Nesta perspectiva, as práticas

devocionais, as performances, os rituais e crenças compartilhadas pelos devotos do Padre Cícero em contextos específicos – como, por exemplo, aqueles vivenciados nas “romarias” são imprescindíveis para a manutenção da crença e do fervor religioso. Sobre isto, afirma:

Utilizando um termo muito útil introduzido por Singer, podemos chamar essas cerimônias totais de ‘realizações culturais’ e observar que elas representam não apenas o ponto no qual os aspectos disposicionais e conceituais da vida religiosa convergem para o crente, mas também o ponto no qual pode ser melhor examinada pelo observador a interação entre eles. (GEERTZ, p. 129, 2008).

Neste sentido, nas tradicionais “romarias” anuais a Juazeiro do Norte, os milhares de fiéis que todos os anos participam e percorrem a estrada velha em direção a Colina do Horto acendendo velas e entoando cânticos em louvor a Jesus, cultuam a memória do padre mantendo a força da religião popular na cidade. Assim, representando o maior capital simbólico da cidade do Juazeiro, Padre Cícero continua mesmo após morte a mobilizar a cidade em torno da crença religiosa em sua santidade.



Figura nº 5– Igreja dos Franciscanos localizada em Juazeiro do Norte/CE em época da romaria de Finados. Paus-de-arara, ônibus e carros chegam trazendo fiéis. Foto tirada em novembro de 2011.

3.1.1 – Os bens simbólicos de *Padim Ciço*.

A imagem de Padre Cícero em Juazeiro do Norte não está vinculada somente a religiosidade, mas também à produção cultural, ao imaginário e à produção simbólica na cidade. Sobre esta temática, o trabalho da urbanista Maria de Lourdes de Araújo (2005) retrata bem esta comercialização de bens simbólicos vinculados ao padre. Segundo Araújo, no espaço sagrado de Juazeiro do Norte, percebe-se um grande fluxo de produção e comercialização de artigos religiosos como as estátuas do Padre Cícero, os cordéis, as medalhas, entre outros objetos. Assim, na cidade de Juazeiro, o espaço sagrado também está articulado ao espaço cultural e econômico, no qual o fortalecimento do culto ao Padre Cícero contribuiu para incentivar a produção artística e artesanal e impulsionar o comércio através do consumo cultural destes artigos religiosos.

De acordo com Pierre Bourdieu (1974), “um bem simbólico se configura quando um objeto artístico ou cultural é atribuído valor mercantil, sendo consagrado pelas leis do mercado ao status de mercadoria. Para esses objetos é formado um grupo consumidor, bem como de produtores de bens simbólicos”. Na lista de “bens simbólicos” ligados ao Padre Cícero estariam: camisetas, xilogravuras; desenhos/pinturas; estátuas (de gesso, resina, madeira e bronze); chapéu de palha; CDs; fitas de tecido; fogos de artifício; medalhas; impressos (orações, novenas, livros e folhetos); porta retrato; rosários/terços/escapulários; velas, entre outros³⁰. Todos estes itens podem ser facilmente encontrados pela cidade, principalmente durante o período de festividades religiosas, quando se intensificam o comércio destes artigos. Segundo Araújo (2005, p. 103), fábricas e fabriquetas de 'fundo de quintal' produzem imagens do Padre Cícero, gerando emprego e renda para um grande contingente de mão-de-obra. Ao todo, fabricam cerca de 2 mil a 2.500 estátuas por dia, comercializadas no município e exportadas também para outras cidades do Nordeste e do país.

Os “bens simbólicos” são produzidos levando-se em consideração o imaginário de seus devotos. Os romeiros desejam levar um "pedaço do lugar" considerado sagrado por

³⁰ Araújo, p. 256.

eles para suas casas e este consumo cultural acaba por movimentar o comércio e conseqüentemente a economia em Juazeiro.

Os profissionais do sagrado – conhecidos como santeiros do Padre Cícero³¹ - contribuem para consolidar o espaço econômico e recriar o sagrado na cidade de Juazeiro. Acerca da produção artesanal no Juazeiro, podemos destacar os artesãos do Centro de Cultura Popular Mestre Noza localizado em Juazeiro, cujo nome homenageia o primeiro artesão a fazer uma imagem de Padre Cícero³² e, que abriga a Associação dos Artesãos do Padre Cícero.

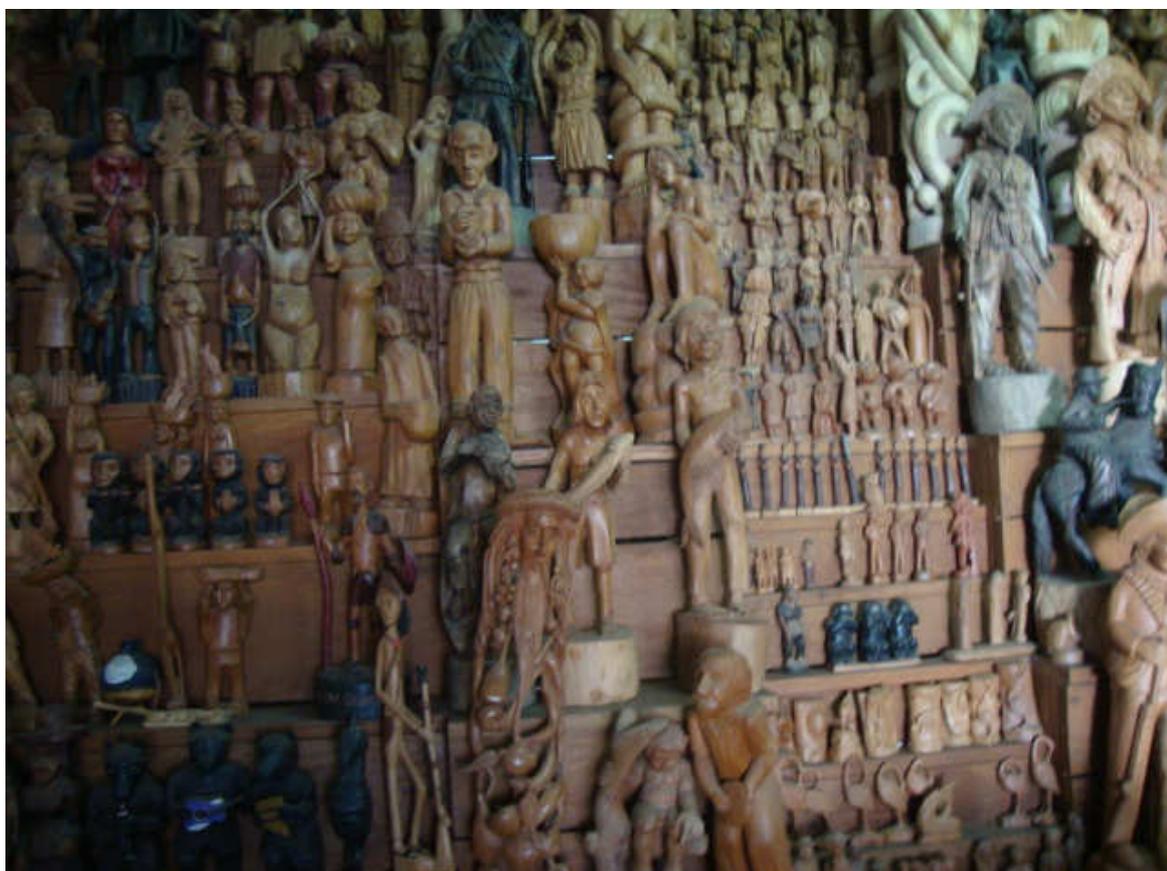


Figura nº 6:Objetos talhados em madeira pelos artesãos do Centro de Cultura Popular Mestre Noza. Foto tirada em novembro de 2011.

³¹ Félix, p. 18.

³² Araújo, p. 167.

Com habilidade de mestres, os artesãos da citada Associação buscam renovar a tradição, inserindo inovações na apresentação dos produtos artesanais, aliando tradição e modernidade. Sobre a fabricação destas estátuas do Padre Cícero, Félix (2008)³³ afirma que:

A fabricação de estátuas do Padre Cícero, em gesso ou madeira, de diversos formatos e padrões é uma das atividades representativas no contexto de uma economia que se baseia na expressão religiosa. São muitas as variações em torno da idéia central, onde chapéu, cajado e livro de orações se alternam, como elementos de um jogo de armar, compondo modulações da imagem a ser comercializada. Os tamanhos variam do pequeno vulto para o oratório familiar à representação de grandes formatos que ornem lojas, prédios, escritórios e proliferam por toda a cidade, como a marca de seu fundador. São imagens do santo da casa que geralmente está de pé, mas pode estar sentado numa cadeira, que pode ser representado como uma réplica, reduzida, do monumento do Horto, com suas escadarias e até mesmo um Padrinho iluminado, em que os botões da batina são orifícios que deixam vazar luz que se instala em seu interior, como se fosse uma luminária. Reproduções que ocupam as calçadas, as estantes das lojas de artigos religiosos ou as barracas das romarias, com a força de um ícone serial. (FÉLIX, 2008, p. 231)

De fato, a fé católica se dá através da adoração da imagem daqueles tidos como santos. Em Juazeiro, como não poderia ser diferente, os “romeiros” realizam esta referida prática durante as “romarias”. Esta comercialização de bens simbólicos do Padre Cícero nasceu da cultura que os romeiros possuem em levar lembranças da cidade “sagrada” como símbolo de proteção. Ao visitarem a cidade, os fiéis consomem uma diversa quantidade de objetos simbólicos da fé em busca das bênçãos e proteção do “padrinho”. Conforme entrevista cedida por uma romeira a Araújo (2005), ao questionar o porquê do santinho ser depositado no túmulo de Padre Cícero, ela responde: *Todo objeto que nós compra aqui no Juazeiro tem que pedir para o Padim benzer; tem que levar bento.*³⁴

³³ Maiores detalhes, consultar: Waleska James Sousa Félix. Valei-me, meu padim”: Um Estudo Sobre a Cultura, os ‘Negócios da Fé’ e o Desenvolvimento Territorial de Juazeiro do Norte, 2008, Fortaleza/CE.

³⁴ Araújo, p. 136.



Figura nº 7 Rua próxima a Igreja dos Franciscanos, os comerciantes lotam as ruas em torno do espaço sagrado vendendo todo o tipo de bem simbólico. Foto tirada em novembro de 2011.

Segundo Della Cava (1976, p. 18), a difusão da história do Padre dentro da cultura popular através da produção de cordéis e canções foi introduzida quando o Padre ainda estava vivo, “além de uma literatura ‘mítica’, bardos nordestinos dos sertões e cantadores apropriaram-se, por volta de 1900 da figura profética do Padre Cícero e introduziram-na no seu repertório popular”, promovendo o consumo de novas práticas sagradas que se intensificaram após a morte do padroeiro da cidade. “As organizações, quaisquer que sejam suas formas e seus objetivos, enquanto sistemas culturais se constroem em torno de um mito original...” (FÉLIX, 2008 apud ENRIQUEZ, 1996, p. 237). É, portanto, possível dizer que o modelo de “sistema cultural” existente em Juazeiro do Norte se consolida a partir da figura do Padre Cícero que foi incorporado à cultura da cidade promovendo diversas manifestações culturais e religiosas e simultaneamente promovendo a inclusão cultural, social e econômica de seus cidadãos. Pois, além de artesãos, também outros profissionais de Juazeiro prestadores de serviços, como os fotógrafos, movimentam a produção cultural em torno de Padre Cícero. Na Colina do Horto, por exemplo, fotógrafos utilizam uma plataforma de madeira através da qual se torna possível ao romeiro pegar na mão da estátua do Padre Cícero³⁵. Os romeiros que

³⁵Félix. p. 169.

visitam Juazeiro pela devoção ao padre buscam estar o mais próximo possível do seu protetor e neste sentido, a foto, tirada sobre este ângulo, aproxima o devoto da imagem de seu protetor.

O culto ao padrinho em Juazeiro está, portanto, associado aos objetos simbólicos produzidos e comercializado no circuito das “romarias” e nas imediações dos lugares “sagrados”, como as igrejas e o Horto. De terços e escapulários a retratos e medalhas do padre. Os “bens simbólicos” produzidos em Juazeiro ajudam a manter viva na mente dos devotos a imagem do Padre Cícero e a difundir a religiosidade popular na cultura local.

CONCLUSÃO

Antes de tudo, reconheço que esse, assim como todo esforço de compreensão dos fatos culturais, será sempre uma representação de representações (GEERTZ, 1989).

A análise apresentada neste trabalho refere-se à história de vida do Padre Cícero com a história do próprio Juazeiro do Norte que, mesmo após sua morte, manteve o culto a sua figura como sacerdote. O “milagre” transformou o Padre aos olhos do mundo, que foi considerado “santo” pelo povo, mas enfrentou, durante toda sua vida, a perseguição das autoridades eclesiásticas, demonstrando assim a dicotomia existente entre a “religião do povo” representada pelo catolicismo popular e a “religião oficial” representada pela Igreja.

Mesmo perdendo o direito de exercer o sacerdócio, Padre Cícero tomou o rumo da política e continuou a defender o Juazeiro e o seu povo. Com sua ajuda, a cidade se emancipou do Crato. E o Padre logo se viu como Prefeito da cidade de Juazeiro do Norte. Diante disto, a imagem da cidade será sempre de alguma forma vinculada àquele que a defendeu até os últimos dias de sua vida.

A partir da visita ao local e da pesquisa bibliográfica trabalhei a hipótese de que o desenvolvimento de Juazeiro se deu a partir do Padre. O principal desafio apresentado consistiu na busca de elementos que comprovassem a manutenção do culto e devoção popular a sua imagem e justificasse a figura do Padre Cícero como símbolo cultural e religioso na cidade. Neste sentido, os rituais religiosos aqui identificados como as “romarias” e a comercialização de “bens simbólicos” assumem grande importância para que a religião caracterize-se como “sistema cultural” em Juazeiro. Estes dois elementos em conjunto transformaram a cidade de Juazeiro do Norte em um espaço “sagrado” e de memória. As “romarias” moldaram a cidade economicamente e culturalmente tornando até mesmo difícil muitas vezes distinguir o que pertence à cultura do que pertence à religião. A imagem de Padre Cícero é utilizada na cidade não só pelos seus “romeiros”, mas também pelos comerciantes e feirantes da região para atingirem seu público. A partir de autores como Della Cava (1976), que afirma as romarias como as principais responsáveis pelo o aumento considerável da população em Juazeiro, o crescimento da cidade em torno da figura do Padre estimulou a produção de bens simbólicos sobre este e demais santos do catolicismo popular.

Utilizando o exemplo do Centro de Cultura Popular Mestre Noza, o qual visitei em minha curta estadia na cidade, observei que muito além do aspecto religioso, a figura de Padre Cícero também se caracteriza como um símbolo da produção cultural e fonte de renda para comerciantes e artesãos que ganham sua vida a partir do consumo destes bens simbólicos.

O papel cultural da religião na cidade de Juazeiro do Norte, portanto, provou-se a partir do prestígio e autoridade que Padre Cícero detém junto à população de Juazeiro. Este prestígio fora atribuído principalmente pela sua ação na dimensão pastoral, econômica e política que moldou a vida cotidiana do lugar. Por todos os lados, a cidade celebra o seu maior benfeitor. Sua figura está nas casas populares e estabelecimentos comerciais variados fazendo com que em outros estados do país, Juazeiro do Norte seja conhecida como a Juazeiro de Padre Cícero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. (tese de doutorado).

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.

BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: *A economia das trocas simbólicas*. (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974. Pp. 99-181.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo*. 2007. 419 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

DURKHEIM, E. *Formas Elementares de Vida Religiosa*. 2ª edição. São Paulo: Paulus Editora, 1989.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: _____. *A interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, LTC, 1989, p. 65-91.

FÉLIX, Waleska James Sousa. *“Valei-me meu padim”*: Um Estudo Sobre a Cultura, os ‘Negócios da Fé’ e o Desenvolvimento Territorial de Juazeiro do Norte. Fortaleza: UECE, 2008. (tese de mestrado).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 424.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

Fontes da Internet

G1 - Portal de Notícias da Globo. (2012). Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/11/maior-romaria-do-ano-atrai-meio-milhao-de-fieis-em-juazeiro-do-norte.html>. Acesso em 13/03/2012.

Jornal Diário do Cariri. (2012). Disponível em <http://www.diariodocariri.com/noticias/juazeiro-do-norte/31695>. Acesso em 14/03/2012.

FIGURAS

Figura 1 – Disponível em: ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. *Um olhar no desenvolvimento do turismo religioso em Juazeiro do Norte - Ceará - Brasil: Um enfoque na sustentabilidade*. Fortaleza: UECA, 2010. P.3

Figura 2 – Disponível em: ARAUJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. (tese de doutorado). P. 135.

Figura 3, 4, 5, 6 e 7 – Acervo pessoal.